

PRIMEIROS LAÇOS - PRÁTICAS PARENTAIS POSITIVAS E A CONSTRUÇÃO DO APEGO SEGURO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Ariéli Diane Vicentini¹

Daiana Sebenello²

Mariana Cleizi Gabiatti Favero³

Mariana Letícia Chiarello⁴

RESUMO

Este artigo apresenta a pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia pela UCEFF Faculdades. O estudo teve como objetivo geral analisar como as práticas parentais positivas, exercidas no ambiente familiar, contribuem para a construção do apego seguro e para o desenvolvimento socioemocional da criança na primeira infância. Para tanto, foram explorados os fundamentos teóricos sobre o apego seguro, com ênfase na Teoria do Apego de John Bowlby (2002; 2024), identificaram-se as características das práticas parentais positivas que favorecem a construção de vínculos afetivos seguros e investigou-se a relevância de um ambiente acolhedor e estável para o fortalecimento de competências socioemocionais, como empatia, autorregulação emocional e autonomia na primeira infância. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica, com base em obras literárias e artigos científicos publicados entre os anos de 2005 e 2025, além de obras clássicas e estudos anteriores considerados fundamentais para a compreensão teórica da temática. Os resultados apontam que práticas parentais positivas, marcadas por afeto, responsividade emocional e acolhimento, favorecem a construção do apego seguro e contribuem para o desenvolvimento socioemocional da criança, promovendo vínculos familiares saudáveis e a segurança emocional na primeira infância.

Palavras-chave: Práticas Parentais Positivas. Primeira Infância. Apego Seguro. Desenvolvimento Socioemocional.

1 INTRODUÇÃO

A primeira infância é reconhecida como um período fundamental para o desenvolvimento integral da criança, especialmente no que se refere à formação de vínculos afetivos e ao amadurecimento de competências socioemocionais. Nesse contexto, práticas parentais positivas desempenham um papel central, pois representam os primeiros modelos de interação, acolhimento e segurança para a criança. Tais práticas compreendem um conjunto de atitudes e comportamentos adotados pelos cuidadores no exercício da parentalidade, incluindo

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da UCEFF. E-mail: arieli_vic@hotmail.com.

² Docente da UCEFF. E-mail: daiasebenello@gmail.com.

³ Docente.

⁴ Docente.

afeto, sensibilidade, responsividade emocional e diálogo, os quais contribuem para o bem-estar da criança e para a construção de vínculos afetivos seguros (Cariri et al., 2025).

Quando praticadas de maneira consistente e acolhedora, essas práticas favorecem o desenvolvimento do apego seguro. Conforme Bowlby (2002), o apego refere-se a um vínculo emocional duradouro estabelecido entre a criança e suas figuras de cuidado, cuja principal função é a busca por proximidade e segurança.

De acordo com Bowlby (2024), o apego seguro se forma a partir da qualidade das interações repetidas entre o bebê e os seus cuidadores nos primeiros meses de vida. O autor afirma que o bebê possui uma predisposição inata para buscar proximidade com seus cuidadores em momentos de medo, desconforto ou necessidade de proteção. Quando suas necessidades físicas e emocionais são atendidas de forma consistente, sensível e acolhedora, a criança passa a ver essas pessoas como uma base segura, desenvolvendo confiança e segurança emocional, sendo assim, a partir dessa segurança, a criança se sente mais à vontade para explorar o ambiente, o que favorece seu desenvolvimento socioemocional.

Considerando a relevância dessas experiências para o amadurecimento psíquico, afetivo e relacional da criança, torna-se fundamental investigar o papel das práticas parentais positivas na formação de vínculos afetivos seguros. Diante disso, este estudo buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: **de que forma as práticas parentais positivas favorecem a construção do apego seguro e contribuem para o desenvolvimento socioemocional da criança na primeira infância?**

Para responder a essa questão, o objetivo geral deste estudo é analisar como as práticas parentais positivas, exercidas no ambiente familiar, contribuem para a construção do apego seguro e para o desenvolvimento socioemocional da criança na primeira infância. Como objetivos específicos pretende-se: a) explorar os fundamentos teóricos sobre o apego seguro, com ênfase na Teoria do Apego de John Bowlby; b) identificar as características das práticas parentais positivas que contribuem para o estabelecimento de vínculos seguros; e, c) investigar a importância de um ambiente familiar acolhedor, estável e saudável para o fortalecimento de competências socioemocionais na primeira infância.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem bibliográfica, fundamentada em aportes teóricos clássicos e contemporâneos. A sustentação teórica baseou-se nas obras de Bowlby (2002; 2024), fundamentais para a compreensão da Teoria do Apego, articuladas ao levantamento de produções científicas relacionadas às práticas parentais positivas e ao desenvolvimento socioemocional infantil. Para a construção da pesquisa, foram utilizados livros

e artigos científicos publicados entre os anos de 2005 e 2025. Além dos artigos selecionados, foram utilizadas obras clássicas e estudos anteriores considerados fundamentais para a compreensão teórica da temática.

Diante da relevância do tema para o campo da Psicologia do Desenvolvimento e dos desafios presentes nas dinâmicas familiares contemporâneas, a presente pesquisa justificou-se pela necessidade de compreender como as práticas parentais positivas contribuem para a construção do apego seguro e para o desenvolvimento socioemocional da criança na primeira infância, favorecendo ambientes familiares mais seguros e afetivos.

O interesse pela temática também emergiu de reflexões acerca da maternidade, da parentalidade e dos impactos das experiências familiares no desenvolvimento infantil, o que despertou questionamentos sobre a construção de ambientes familiares emocionalmente saudáveis, acolhedores e seguros. Dessa forma, este estudo buscou contribuir para ampliar as discussões acerca da importância das práticas parentais positivas e dos vínculos afetivos no desenvolvimento socioemocional infantil.

Em termos sociais, a pesquisa mostrou-se relevante ao incentivar reflexões sobre práticas parentais mais acolhedoras e conscientes, capazes de favorecer a segurança emocional e o desenvolvimento socioemocional das crianças. Ao reunir diferentes contribuições teóricas sobre o tema, o presente trabalho buscou oferecer subsídios relevantes a estudantes e profissionais da Psicologia, da Educação e da orientação familiar, contribuindo para a promoção de vínculos seguros e de ambientes familiares emocionalmente saudáveis, considerados elementos essenciais para o desenvolvimento da criança na primeira infância.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na fundamentação teórica, serão apresentados os principais conceitos e referenciais que embasam esta pesquisa, com o objetivo de contextualizar a temática e auxiliar na compreensão da questão norteadora do estudo. O embasamento teórico fundamenta-se em livros, artigos científicos e demais produções acadêmicas relacionadas às práticas parentais positivas, ao apego seguro e ao desenvolvimento socioemocional infantil.

2.1 TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS SOBRE O APEGO

De acordo com Adorian et al. (2024), John Bowlby desenvolveu a Teoria do Apego a partir da observação do comportamento de crianças separadas de seus pais durante a Segunda Guerra Mundial, identificando que elas apresentavam ansiedade, angústia e sofrimento emocional resultantes dessas rupturas afetivas vivenciadas nesse período. Essas observações e experiências clínicas levaram Bowlby a investigar de forma mais aprofundada a natureza e a importância dos vínculos emocionais entre crianças e seus cuidadores.

Ainda conforme Adorian et al. (2024), os estudos de Bowlby sobre a relação entre criança e cuidador ampliaram a compreensão da afetividade, demonstrando que os primeiros laços emocionais formados na infância desempenham um papel fundamental na constituição emocional do sujeito. Nesse sentido, as investigações do autor indicam que as relações iniciais estabelecidas na infância afetam a estruturação psicológica, influenciando a forma como o indivíduo se relaciona com outras pessoas, gere suas emoções e enfrenta desafios ao longo da vida.

Dando continuidade a esse percurso histórico, Paula, Kummer e Andrade (2024), apontam que Bowlby estruturou formalmente a Teoria do Apego na década de 1950, resultado de anos de pesquisas e observações clínicas sobre os impactos da separação familiar nas crianças. Nessa fase de consolidação teórica, Bowlby foi influenciado por teorias biológicas e evolucionistas, passando a compreender o apego não apenas como uma necessidade emocional, mas também como uma adaptação biológica essencial para a sobrevivência, proteção e segurança do bebê.

2.2 TEORIA DO APEGO

A Teoria do Apego foi desenvolvida pelo psiquiatra e psicanalista britânico John Bowlby na década de 1950, fundamentada em suas observações clínicas e estudos com crianças que haviam sido separadas de seus cuidadores (Paula; Kummer; Andrade, 2024). Posteriormente, conforme Dalbem e Dell’Aglío (2005), a psicóloga norte-americana Mary Ainsworth ampliou os estudos de Bowlby, ao desenvolver um sistema de avaliação da relação entre cuidador e criança. A partir de observações das interações mãe-bebê, elaborou o procedimento experimental denominado “Situação Estranha”, utilizado para observar as reações da criança diante da separação e do reencontro com sua figura de apego.

Em sua obra clássica sobre o tema, Bowlby (2024) destaca a relevância das descobertas de Ainsworth ao demonstrar que a presença de uma figura cuidadora sensível e emocionalmente

disponível proporciona segurança à criança e estimula sua capacidade de explorar o ambiente com maior autonomia. Nesse sentido, Bowlby (2002) compreende o apego como um sistema comportamental inato, de base biológica e evolutiva, cuja função é assegurar a sobrevivência da criança por meio da proximidade com figuras cuidadoras disponíveis e sensíveis.

Bowlby (2002) expõe que o comportamento de apego envolve ações como chorar, sorrir e buscar contato físico, destinadas a manter a proximidade com o cuidador. A qualidade desse vínculo depende da responsividade e da consistência dos cuidados recebidos, sendo determinante para a formação dos modelos internos de funcionamento, que orientam a forma como o indivíduo percebe a si mesmo, os outros e as relações afetivas ao longo da vida.

Portanto, a Teoria do Apego oferece uma importante base teórica para compreender como as experiências precoces com figuras cuidadoras influenciam o desenvolvimento socioemocional infantil. Neste contexto, a primeira infância destaca-se como uma fase essencial do desenvolvimento humano, visto que é nesse período em que os vínculos afetivos iniciais são estabelecidos e que as experiências de cuidado vivenciadas pela criança podem repercutir em seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo ao longo da vida (UNICEF, 2021).

2.3 PRIMEIRA INFÂNCIA

De acordo com Philippe Ariès (2014), até aproximadamente o século XVI, a infância não era reconhecida socialmente como uma fase específica do desenvolvimento humano, sendo as crianças frequentemente percebidas como pequenos adultos. Em sociedades tradicionais, assim que a criança alcançava certa autonomia física, era inserida no universo dos adultos, participando de seus trabalhos, jogos e práticas cotidianas. Nesse contexto, a transmissão de valores e conhecimentos ocorria por meio da convivência direta com os adultos, pois “a criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las” (Ariès, 2014, p. 12). O reconhecimento da infância como uma fase específica do desenvolvimento foi um processo gradual, acompanhado por transformações sociais, culturais e educativas. Ariès (2014) destaca que, a partir do século XVI, a criança deixou de ser integrada aos adultos e passou a ser separada em espaços próprios de formação, especialmente pela escola. Segundo o autor, “a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena [...] Essa quarentena foi a escola” (Ariès, 2014, p. 11).

A construção histórica da infância foi resultado de um processo profundo de elaboração de representações sociais sobre as crianças. Atualmente, a primeira infância é reconhecida como

um período fundamental para o desenvolvimento humano. Gueguen (2024, p. 15), afirma que “os primeiros anos de vida, da concepção até cerca de 6-7 anos de idade, é a base da existência humana, onde suas raízes são formadas. Cada relação vivenciada pela criança nesses primeiros anos será decisiva”. A autora ressalta que essa fase é considerada sensível, pois nela se desenvolvem estruturas emocionais, cognitivas e sociais fundamentais, como a maturação cerebral, a aquisição de habilidades motoras, a formação da linguagem e o estabelecimento das primeiras relações afetivas.

Sob essa perspectiva, Jarczeski e Silva (2025) destacam que cuidados básicos, como vínculos afetivos estáveis, ambiente seguro, nutrição adequada, estímulos e interações saudáveis, formam a base para o desenvolvimento integral da criança. Bowlby (2002), argumenta que os primeiros anos de vida apresentam um período de intensa dependência da criança em relação às suas figuras cuidadoras, sendo essencial que ela vivencie uma relação contínua, afetiva e segura com quem exerce essa função.

Dando continuidade a essa compreensão, destaca-se a importância da construção mental que ocorre especialmente no primeiro ano de vida, período em que as conexões cerebrais se estabelecem rapidamente e começam a formar padrões de funcionamento. Gerhardt (2017) complementa que o desenvolvimento do bebê não ocorre de maneira isolada, mas em profunda relação com o ambiente afetivo em que está inserido. A autora também enfatiza que o desenvolvimento cerebral nos primeiros anos de vida é diretamente influenciado pelas experiências repetidas da criança, pois “as experiências mais frequentes e repetitivas começam a formar caminhos bem trilhados, enquanto as conexões que permanecem sem uso começam a ser eliminadas. O cérebro toma forma” (Gerhardt 2017, p.61). Dessa maneira, compreende-se que as vivências afetivas e relacionais na primeira infância contribuem para a organização das bases emocionais, cognitivas e sociais do desenvolvimento infantil.

2.4 DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

O desenvolvimento socioemocional na primeira infância compreende um processo dinâmico em que a criança aprende a reconhecer, expressar e regular suas emoções, enquanto constrói vínculos afetivos com os seus cuidadores e passa a interagir com outras crianças e familiares. Esse processo é fundamental para a construção da identidade, da autoestima e para a aquisição de habilidades sociais. Papalia e Martorell (2022, p. 160) destacam que “as emoções são reações subjetivas à experiência e associadas a mudanças fisiológicas e comportamentais”.

Essa perspectiva evidencia a importância das emoções desde os primeiros meses de vida, pois mesmo antes da aquisição da linguagem, os bebês já se comunicam emocionalmente por meio de comportamentos como o choro, o sorriso e a excitação motora, utilizando tais manifestações como recursos primários de interação com o ambiente e com as primeiras relações afetivas.

Marin et al. (2017), afirmam que as competências socioemocionais envolvem a capacidade de reconhecer e expressar emoções, compreender os sentimentos dos outros, formar vínculos afetivos e lidar de forma construtiva com desafios interpessoais. Essas habilidades começam a se formar desde os primeiros anos de vida, sendo fortemente influenciadas pela qualidade das interações com cuidadores e pelo ambiente familiar.

Com isso, destaca-se a teoria de Bowlby (2002), evidenciando que a relação afetiva estável e responsiva entre a criança e sua figura de apego primária constitui a base para o desenvolvimento socioemocional saudável. Um vínculo seguro oferece à criança uma “base segura” para explorar o mundo, favorecendo a autoconfiança e a regulação emocional.

2.5 PRÁTICAS PARENTAIS POSITIVAS

Ao longo do processo histórico, a configuração da família passou por diversas transformações, influenciadas por fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. Ariès (2014, p. 232) aponta que “[...] a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental [...] A família quase não existia sentimentalmente entre os pobres, e, quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem”. Nesse contexto, observa-se que, durante a Idade Média e parte da Idade Moderna, as relações familiares estavam fortemente associadas à manutenção da linhagem, do patrimônio e da posição social. Ao longo do tempo, entretanto, o significado atribuído à família foi se transformando, ampliando suas funções e assumindo, na contemporaneidade, um papel fundamental no cuidado, na proteção e no desenvolvimento emocional de seus membros.

Com a ascensão da burguesia entre os séculos XVIII e XIX, ocorreu uma progressiva valorização da vida privada e das relações afetivas no interior da família. A infância passou a ser reconhecida como uma etapa específica do desenvolvimento humano, demandando cuidados, proteção e educação. Dessa forma, o núcleo familiar reorganizou-se gradativamente em torno dos filhos e dos vínculos afetivos, assumindo funções cada vez mais relevantes na socialização, educação e formação emocional das crianças.

As mudanças históricas e as expectativas idealizadas sobre a família mostram que sua função vai além do cuidado imediato, participando da formação de identidades e vínculos de pertencimento. Nesse sentido, torna-se necessário compreender o papel da parentalidade. Segundo Gorin et al. (2015), a parentalidade é um processo dinâmico que vai além dos aspectos biológicos da maternidade e da paternidade, envolvendo aspectos conscientes e inconscientes relacionados à história familiar e ao contexto sociocultural.

Inseridas nesse contexto, práticas parentais positivas referem-se aos comportamentos e atitudes dos pais no cuidado, na educação e na socialização dos filhos. Schmidt, Staudt e Wagner (2016) destacam que práticas que envolvem o engajamento dos pais na comunicação, expressão de afeto e na utilização de estratégias construtivas para resolver conflitos, favorecem um desenvolvimento mais saudável na infância.

Dessa forma, práticas parentais positivas envolvem atitudes pautadas em acolhimento, diálogo, responsividade emocional, demonstrações de carinho, escuta e suporte emocional, fortalecendo vínculos familiares e promovendo relações mais saudáveis entre pais e filhos. Nesse mesmo sentido, Cariri et al. (2025) destacam que práticas baseadas em responsividade, afeto e comunicação favorecem a construção de habilidades socioemocionais, como empatia, autoestima e autorregulação emocional, contribuindo para o desenvolvimento emocional saudável da criança.

A Teoria do Apego, proposta por Bowlby (2002), aprofunda a compreensão da importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento humano. Segundo o autor, o apego constitui um sistema comportamental inato que busca garantir proximidade e segurança junto a figuras cuidadoras, e quando essas figuras respondem de forma sensível e consistente às necessidades da criança, favorecem a construção de um apego seguro, proporcionando uma base de segurança que permite à criança explorar o ambiente, desenvolver autonomia e estabelecer vínculos afetivos saudáveis, o que contribui para o seu desenvolvimento socioemocional.

Em contrapartida, experiências marcadas por rejeição, inconsistência ou indisponibilidade emocional podem comprometer a formação desses vínculos e influenciar os padrões relacionais estabelecidos ao longo da vida. Segundo Bowlby (2002), essas experiências contribuem para a formação dos chamados modelos internos de funcionamento, que correspondem às representações que a criança constrói sobre si mesma, sobre os outros e sobre a forma como as relações afetivas são estabelecidas. Esses modelos tendem a orientar a forma como o indivíduo percebe e estabelece vínculos afetivos ao longo do desenvolvimento, podendo influenciar suas relações na adolescência e na vida adulta.

A construção dos vínculos afetivos não se inicia apenas após o nascimento. Conforme Ribas e Souza (2020), a gestação constitui um período marcado por intensas transformações psíquicas e emocionais, no qual os futuros pais começam a elaborar expectativas, fantasias e representações acerca do bebê. Nesse processo, a criança passa a ocupar um lugar simbólico na dinâmica familiar antes mesmo de nascer, favorecendo o investimento afetivo e a construção dos primeiros vínculos parentais.

O desejo de criar laços começa ainda durante a gestação, quando o bebê já é sensível aos estímulos recebidos. Gueguen (2024, p. 15) afirma que “ao se deparar com uma voz gentil, com um contato carinhoso e respeitoso, a criança é estimulada e vai ao encontro desse indivíduo [...] Após o nascimento e durante toda a sua vida, esse novo ser buscará estabelecer relações afetivas, amicais ou amorosas satisfatórias”. A autora evidencia que o ser humano apresenta, desde os primeiros momentos de vida, uma predisposição para buscar proximidade e interação com pessoas que oferecem cuidado, proteção e afeto. Dessa forma, a qualidade das interações estabelecidas com os cuidadores desempenha papel fundamental na construção dos primeiros vínculos afetivos e na sensação de segurança da criança.

A notícia da chegada de um filho na família requer uma série de mudanças que mexem com o imaginário do casal. Essas modificações vão desde o planejamento quanto ao lugar que a criança irá ocupar na casa até os preparativos do enxoval. Isso equivale a dizer que, mesmo antes de nascer, o(a) filho(a) já ocupa um lugar importante na rotina e planejamento da família (Ribas; Souza, 2020, p. 126).

Além das mudanças concretas relacionadas à organização da rotina familiar, a gestação também mobiliza processos emocionais importantes, marcados pela construção de expectativas, sonhos, desejos e fantasias que são elaborados de forma consciente e/ou inconsciente em relação ao bebê esperado. Segundo Ribas e Souza (2020), o processo de identificação do bebê com seus pais ocorre ainda na gestação, pois é nesse período que os pais começam a se tornar pais e iniciam a idealização do filho que desejam ter.

Corroborando essa perspectiva, Jarczeski e Silva (2025) compreendem a parentalidade como um processo que ultrapassa os aspectos biológicos, envolvendo cuidado, afeto, responsabilidade e disponibilidade emocional por parte dos cuidadores. Segundo os autores, a construção do vínculo com o bebê inicia-se ainda na gestação, sendo influenciada pelo desejo parental, pelas expectativas em relação à criança e pela capacidade dos cuidadores de proporcionar um ambiente acolhedor e seguro.

Além da relação materna, a participação paterna durante a gestação e nos cuidados iniciais também influencia na construção dos vínculos familiares. Conforme descrito por

Jarczeski e Silva (2025), a presença do pai no pré-natal, no parto e nos primeiros cuidados contribui para o fortalecimento do vínculo afetivo com o bebê, oferece suporte emocional à mãe, favorece maior segurança no contexto familiar e fortalece sua inserção no processo de construção da parentalidade.

Após o nascimento da criança, as expectativas construídas durante a gestação passam a ser confrontadas com as experiências concretas de cuidado e com as interações estabelecidas entre pais e filhos. Embora essas expectativas possam ser confirmadas ou reformuladas ao longo desse processo, a qualidade dos vínculos desenvolvidos depende, sobretudo, das experiências relacionais construídas no cotidiano. Nesse contexto, Cariri et al. (2025) destacam que as práticas parentais positivas envolvem atitudes pautadas em afeto, sensibilidade, responsividade emocional, diálogo e acolhimento, promovendo vínculos afetivos mais seguros e contribuindo para o desenvolvimento emocional saudável da criança.

3 METODOLOGIA

A pesquisa científica se apresenta como uma atividade orientada para a busca de solução de problemas por meio da utilização de métodos científicos (Matias-Pereira 2019). Nesse sentido, o planejamento metodológico deste trabalho constituiu-se como o delineamento de caminhos, critérios e técnicas estruturadas para responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos propostos. Conforme Matias-Pereira (2019), o método científico pode ser compreendido como a trajetória percorrida pelo pesquisador no esforço de produção do conhecimento. Desse modo, a presente pesquisa foi organizada a partir de procedimentos sistemáticos de levantamento, seleção, leitura e análise de produções científicas pertinentes ao tema investigado.

No que se refere aos objetivos e ao nível de aprofundamento, o trabalho classificou-se como uma pesquisa descritiva, de caráter exploratório. De acordo com Gil (2008), a pesquisa descritiva tem como finalidade descrever as características de determinado fenômeno ou população, possibilitando o registro e a análise de suas particularidades. Essa classificação articula-se ao pressuposto de Gil (2002), ao apontar que a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e possibilitando o aprimoramento de ideias.

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizou-se o levantamento bibliográfico, por meio da análise de materiais já publicados. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é

desenvolvida com base em materiais já publicados, como livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador conhecer, analisar e discutir as contribuições teóricas existentes sobre determinado tema. Nesse sentido, esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, pois foi construída a partir da análise de livros e artigos científicos que abordam práticas parentais positivas, teoria do apego e desenvolvimento socioemocional na primeira infância.

Segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica constitui uma etapa fundamental da investigação científica, pois permite ao pesquisador buscar obras já publicadas relevantes para a compreensão do problema de pesquisa. A partir dessa perspectiva, o presente estudo buscou responder à seguinte questão norteadora: de que forma as práticas parentais positivas favorecem a construção do apego seguro e contribuem para o desenvolvimento socioemocional na primeira infância? Essa questão conduziu à escolha metodológica, bem como à seleção e à análise das fontes teóricas utilizadas.

A seleção dos materiais foi realizada a partir de critérios de inclusão previamente definidos, considerando artigos científicos escritos em português, disponíveis nas bases Google Acadêmico, SciELO e PePSIC, publicados entre os anos de 2005 e 2025. Além dos artigos selecionados, também foram utilizadas obras clássicas e estudos anteriores considerados fundamentais para a fundamentação teórica da pesquisa.

No levantamento bibliográfico, foram utilizados como descritores os seguintes termos em português: “práticas parentais positivas”, “primeira infância”, “apego seguro” e “desenvolvimento socioemocional”. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados artigos duplicados, estudos que não abordavam diretamente a temática proposta, materiais em idiomas diferentes do português e publicações que não apresentavam relação com os objetivos da pesquisa.

A busca inicial resultou em um total de 25 (vinte e cinco) artigos mapeados. Os materiais foram organizados por autor, ano de publicação, título e principais resultados. Ao final do processo de seleção e após a aplicação dos critérios de exclusão, foram escolhidos (11) onze estudos que atenderam aos critérios previamente estabelecidos para a análise e discussão. Após essa etapa, realizou-se a leitura e análise qualitativa dos materiais, com o objetivo de identificar aproximações teóricas entre práticas parentais positivas, apego seguro e desenvolvimento socioemocional infantil.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar os 11 (onze) artigos selecionados na revisão bibliográfica, elaborou-se um quadro-síntese com o objetivo de organizar os principais dados obtidos nas produções científicas utilizadas nesta pesquisa. Por meio dessa sistematização, buscou-se ampliar uma visão das contribuições teóricas de cada estudo, favorecendo a identificação de elementos recorrentes relacionados às práticas parentais positivas, ao apego seguro e ao desenvolvimento socioemocional infantil na primeira infância. No Quadro 01, os estudos foram organizados seguindo os seguintes critérios: autor/ano, título e principais resultados. Após a definição das categorias de análise, realizou-se a leitura dos resumos dos artigos, que posteriormente foram categorizados conforme sua relação com os objetivos da pesquisa.

Quadro 01 - Resultados da pesquisa

AUTOR/ANO	TÍTULO	RESULTADOS
ADORIAN <i>et al.</i> (2024)	Teoria do Apego: influência no desenvolvimento infantil e seus reflexos na vida adulta	O estudo evidenciou que os diferentes tipos de apego estabelecidos na infância influenciam significativamente o desenvolvimento psicológico e emocional do indivíduo. Destacou que os primeiros vínculos construídos entre a criança e suas figuras de cuidado exercem impacto na formação da personalidade e podem refletir nas relações estabelecidas na vida adulta.
CASTRO; ALVES (2025)	A importância da psicologia para o desenvolvimento da saúde mental das crianças no âmbito familiar: uma revisão sistemática	A obra destacou que ambientes familiares acolhedores, intervenções precoces e a orientação parental são essenciais para a saúde mental infantil. Os resultados obtidos, podem contribuir para a prevenção de dificuldades emocionais. As autoras também defendem a psicoeducação como ferramenta para transformar dinâmicas familiares disfuncionais.
KUSIAK; MELLO; ANDRETTA (2019)	Empatia e práticas parentais: a importância dos pais se colocarem no lugar dos filhos	A análise identificou que maiores níveis de empatia parental estão associados ao apoio emocional, incentivo à autonomia e supervisão adequada do comportamento infantil. Os achados também demonstraram que baixos níveis de empatia e dificuldades na regulação emocional dos pais podem comprometer o engajamento em práticas parentais saudáveis.
RIBAS; SOUZA (2020)	Impacto do cuidado para o desenvolvimento saudável da criança na primeira infância	Os resultados apontam que os cuidados oferecidos na primeira infância influenciam diretamente o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança, destacando a importância da responsividade parental.
CARIRI <i>et al.</i> (2025)	O impacto da parentalidade no comportamento e bem-estar infantil: uma revisão bibliográfica	O artigo apontou que práticas parentais positivas, marcadas por afeto, diálogo e responsividade emocional, favorecem o bem-estar infantil e o desenvolvimento socioemocional saudável
GUISSO; BOLZE; VIEIRA (2019)	Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura	A pesquisa identificou que programas de treinamento parental contribuem para o fortalecimento de práticas parentais positivas, auxiliando pais no desenvolvimento de habilidades relacionadas à socialização dos filhos e no manejo de comportamentos infantis. Os resultados indicaram melhorias nas interações familiares e no desenvolvimento infantil.

LIMA; MUNER; BERGMANN (2022)	Desenvolvimento psicológico infantil: um estudo sobre a importância e as contribuições	O artigo evidenciou que o ambiente familiar exerce influência direta no desenvolvimento cognitivo, emocional e psicológico da criança, ressaltando a importância de vínculos familiares saudáveis para o desenvolvimento infantil.
DALBEM; DELL'AGLIO (2005)	Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento	O estudo mostra que os vínculos estabelecidos entre a criança e suas figuras de cuidado influenciam a construção dos modelos internos de funcionamento, impactando a segurança emocional e a forma como o indivíduo estabelece relações ao longo da vida.
MARIN <i>et al.</i> (2017)	Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados	A análise evidenciou que o desenvolvimento socioemocional envolve a capacidade da criança de reconhecer e expressar emoções, desenvolver empatia, regular comportamentos e estabelecer relações interpessoais saudáveis, sendo influenciado pelas experiências vivenciadas no ambiente familiar.
RAMIRES; SCHNEIDER (2010)	Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?	Os achados indicam que as experiências estabelecidas com as figuras de cuidado influenciam a construção dos modelos internos de funcionamento, impactando a regulação emocional, a organização do self e a forma como o indivíduo estabelece vínculos ao longo da vida.
PIRES <i>et al.</i> (2018)	A influência das práticas parentais no desenvolvimento da criança: uma revisão de literatura	O estudo evidenciou que práticas parentais pautadas em comunicação, expressão emocional adequada e disciplina positiva favorecem a socialização infantil e a internalização de regras e valores. Os resultados também apontaram que atitudes parentais sensíveis e coerentes contribuem para um clima familiar saudável e para o desenvolvimento socioemocional da criança.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Com base nos artigos analisados, construiu-se uma relação teórica entre práticas parentais positivas e seu papel na formação do apego seguro e no desenvolvimento socioemocional infantil na primeira infância. Os estudos evidenciaram que práticas parentais baseadas em afeto, acolhimento, diálogo, responsividade emocional e estabelecimento de regras claras favorecem vínculos mais seguros entre pais e filhos e influenciam diretamente o desenvolvimento socioemocional infantil.

O estabelecimento de regras reflete o equilíbrio entre os extremos do autoritarismo e da permissividade. Na prática, essa conduta se caracteriza pela combinação de altos níveis de exigência e responsividade, cenário no qual os cuidadores estipulam limites firmes e previsíveis, utilizando o diálogo para fundamentar suas decisões em detrimento de uma imposição rígida. Como resultado, a criança internaliza as expectativas de comportamento em um ambiente familiar seguro e estruturado (Cariri *et al.*, 2021).

Nesse sentido, Guisso, Bolze e Vieira (2019) apontam que as práticas parentais fazem parte do cuidado e da socialização promovidos pelos pais, influenciando o desenvolvimento infantil. Os autores evidenciam que práticas baseadas em comunicação aberta, demonstração de

afeto e resolução construtiva de conflitos favorecem o bem-estar emocional. Essa resolução construtiva se apoia diretamente na estrutura de regras claras, ao invés de utilizarem a punição severa diante de um comportamento inadequado, os cuidadores transformam o conflito em um momento de aprendizado, validando os sentimentos da criança enquanto reforçam os limites estabelecidos.

Pires et al. (2018) destacam que os pais têm papel fundamental no processo de socialização da criança, ajudando-as a aprender regras, valores e comportamentos aceitos socialmente. Ressaltam que atitudes parentais, como a forma de comunicação, as reações emocionais e o modo como os pais educam os filhos, influenciam o clima familiar e o desenvolvimento socioemocional infantil. Este clima conceitua-se como a qualidade das relações familiares, sendo estruturado pelo suporte afetivo e pela coesão entre os membros. Um ambiente positivo atua como um fator de proteção, reduzindo os níveis de estresse e proporcionando a segurança necessária para o desenvolvimento da criança.

Complementarmente, reforçam a importância de práticas disciplinares positivas para o desenvolvimento saudável da criança. Essas práticas consistem em métodos educativos que excluem o uso de punições físicas ou psicológicas, priorizando a orientação do comportamento. Na rotina da família, essa abordagem se manifesta pelo foco na resolução de problemas, no uso de consequências lógicas e no reforço de atitudes adequadas, permitindo que a criança aprenda com os próprios erros em um ambiente de respeito mútuo.

Em consonância com os estudos anteriores, Kusiak, Mello e Andretta (2019) acrescentam que a empatia parental é um componente essencial das práticas parentais positivas. Segundo as autoras, ambientes familiares caracterizados por diálogo, afeto e expressão saudável das emoções favorecem interações mais positivas entre pais e filhos. Nessa perspectiva, pais empáticos tendem a adotar estratégias menos autoritárias e mais sensíveis às necessidades emocionais da criança, promovendo maior compreensão, apoio emocional e melhor regulação das emoções no contexto familiar.

De modo semelhante, Cariri et al. (2025) destacam que a infância constitui um período fundamental para o desenvolvimento infantil, sendo o ambiente familiar determinante nesse processo. Os autores evidenciam que práticas parentais baseadas em responsividade, acolhimento, suporte emocional e incentivo à autonomia favorecem o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, autoestima e autorregulação emocional. Ressaltam ainda que a forma como os pais estabelecem limites, pautada pela consistência nas regras, previsibilidade de rotinas e uso de combinados claros, sem recorrer à coerção oferecem

cuidado e se relacionam com a criança, influencia diretamente a construção de vínculos seguros e o desenvolvimento saudável.

Ribas e Souza (2020) completam ao ressaltar que os cuidados oferecidos na primeira infância exercem influência significativa sobre o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança. As autoras destacam que a qualidade dos cuidados e dos vínculos parentais contribui para o desenvolvimento saudável, reforçando a importância da presença afetiva e da responsividade dos cuidadores.

Nesse contexto, destaca-se a importância da teoria do apego para compreender a construção dos vínculos afetivos entre a criança e seus pais na primeira infância. Os estudos analisados evidenciam que as relações estabelecidas nos primeiros anos de vida exercem influência significativa sobre o desenvolvimento emocional, social e afetivo infantil.

A teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby, define o apego como um vínculo afetivo fundamental para a sobrevivência e segurança emocional da criança (Bowlby, 2002). Segundo o autor, durante a infância, os pais ou cuidadores tornam-se figuras de referência para a criança em busca de proteção, conforto e apoio, especialmente em situações de medo, insegurança ou necessidade. Assim, as experiências estabelecidas nas primeiras relações influenciam diretamente os sentimentos de segurança e confiança desenvolvidos pela criança, bem como suas futuras relações afetivas (Bowlby, 2024).

Nesse sentido, Bowlby (2024) destaca que o padrão de apego seguro é desenvolvido e consolidado à medida que a criança percebe seus pais ou cuidadores como disponíveis, sensíveis e responsivos às suas necessidades emocionais. Essa segurança proporciona à criança maior confiança para explorar o ambiente e desenvolver maior autonomia emocional.

Dalbem e Dell’Aglia (2005), em consonância com a teoria do apego, destacam que as primeiras relações entre a criança e seus pais ou cuidadores exercem influência significativa sobre o desenvolvimento dos vínculos afetivos e emocionais ao longo da vida. As autoras evidenciam que experiências pautadas em cuidado, proteção e responsividade favorecem a construção de relações mais seguras e contribuem para a formação dos modelos internos de funcionamento, que determinam como a criança compreenderá a si mesma, os outros e suas futuras relações afetivas.

Alinhados a essa perspectiva, Adorian et al. (2024) evidenciam que o apego é construído por meio das interações entre a criança e seus cuidadores primários. Com base nos pressupostos de Bowlby, os autores destacam que comportamentos como chorar, sorrir e buscar proximidade são estratégias utilizadas pela criança para se aproximar da figura cuidadora em busca de

proteção, conforto e segurança emocional. O estudo demonstra que, quando pais ou cuidadores respondem de maneira sensível e responsiva às necessidades da criança, o vínculo afetivo é fortalecido, favorecendo a construção do apego seguro e o desenvolvimento de sentimentos de segurança e confiança.

De modo semelhante, Ramires e Schneider (2010) destacam que o apego está relacionado ao sentimento de segurança construído na relação entre a criança e sua figura de apego. As autoras evidenciam que a presença de uma figura cuidadora disponível e responsiva proporciona a construção de uma base segura, permitindo que a criança explore o ambiente com maior confiança e autonomia emocional. O estudo ressalta ainda que as experiências estabelecidas nas primeiras relações influenciam a organização emocional da criança e os vínculos afetivos desenvolvidos ao longo da vida, evidenciando a importância das relações familiares para o desenvolvimento socioemocional infantil.

As evidências apresentadas pelos estudos também permitem compreender que as práticas parentais positivas e a qualidade dos vínculos afetivos estabelecidos na primeira infância repercutem diretamente no desenvolvimento socioemocional infantil. Nesse sentido, Marin et al. (2017) destacam que a competência socioemocional envolve aspectos relacionados ao reconhecimento e à expressão das emoções, à empatia, à regulação emocional e à construção de relações saudáveis. Desta forma, percebe-se que o desenvolvimento socioemocional não ocorre de forma isolada, pois é influenciado pelas experiências afetivas, familiares e relacionais vivenciadas pela criança desde os primeiros anos de vida.

Lima, Muner e Bergmann (2022) apontam que o ambiente familiar participa das primeiras aprendizagens da criança por meio das interações diárias, dos estímulos oferecidos e do afeto presente nessas relações. As autoras destacam que a criança aprende ao observar aqueles com quem convive, principalmente quando essas relações são marcadas por paciência e cuidados. Desta forma, o afeto recebido nesse meio familiar favorece a sensação de segurança, permitindo que a criança, a partir disso, explore novas situações e desenvolva aprendizados importantes para sua formação.

Corroborando essa discussão, Castro e Alves (2025) ampliam a compreensão sobre o papel da família no desenvolvimento infantil, ao demonstrar que a qualidade do ambiente familiar influencia a saúde mental da criança. As autoras destacam que quando os pais oferecem cuidado, proteção e disponibilidade emocional, contribuem para um contexto mais seguro.

Embora este estudo priorize as práticas parentais positivas, os achados também indicam, ainda que de forma secundária, que os efeitos da ausência ou fragilidade dessas práticas podem

representar riscos ao desenvolvimento do apego seguro e ao desenvolvimento infantil. Nesse sentido, Castro e Alves (2025) apontaram que experiências adversas na infância, como violência, negligência e abandono, são consideradas fatores de risco para a saúde mental da criança, podendo gerar prejuízos emocionais e comportamentais. De forma semelhante, Cariri et al. (2025) relacionaram estilos parentais autoritários e negligentes a comportamentos desafiadores, ansiedade e dificuldades de socialização, enquanto Guisso, Bolze e Vieira (2019) destacaram que práticas parentais negativas, como castigos físicos e negligência, podem afetar as competências sociais e emocionais da criança. Para evitar tais prejuízos, os estudos enfatizaram a importância de práticas parentais baseadas em afeto, responsividade, comunicação, cuidado sensível, estabelecimento de limites não violentos e resolução construtiva de conflitos.

Com base nos achados apresentados, entendeu-se que o exercício da parentalidade vai além do atendimento das necessidades básicas da criança, pois envolve responsabilidades fundamentais para o seu desenvolvimento integral. Tornar-se mãe e pai implica assumir o compromisso de acolher, proteger, orientar e introduzir gradualmente a criança ao meio social, auxiliando-a na construção de habilidades emocionais e relacionais necessárias para o seu desenvolvimento. Dado que a criança chega ao mundo em um estado de completa dependência, os pais se tornam suas primeiras figuras de afeto, cuidado, proteção e interação. Portanto, práticas parentais positivas marcadas por presença, diálogo, acolhimento, validação emocional e estabelecimento de limites saudáveis constituem uma base importante para construir vínculos seguros e para o desenvolvimento socioemocional da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como as práticas parentais positivas, exercidas no ambiente familiar, contribuem para a construção do apego seguro e para o desenvolvimento socioemocional da criança na primeira infância. A partir da revisão bibliográfica realizada, buscou-se responder ao problema de pesquisa: de que forma as práticas parentais positivas favorecem a construção do apego seguro e contribuem para o desenvolvimento socioemocional na primeira infância.

Com base nos estudos analisados, compreendeu-se que as práticas parentais positivas exercem um papel importante na construção dos primeiros vínculos afetivos da criança. Os achados indicam que as características das práticas parentais positivas são atitudes como afeto,

acolhimento, responsividade emocional, diálogo, validação das emoções, presença afetiva e estabelecimento de limites claros contribuem para a construção de relações seguras entre pais, mães e crianças. Destaca-se, ainda, que o ambiente familiar é um espaço fundamental para o desenvolvimento socioemocional infantil, por ser o primeiro contexto de cuidado, proteção, socialização e aprendizagem relacional.

A análise também permitiu identificar e estabelecer uma relação importante entre práticas parentais positivas e apego seguro. Com base na Teoria do Apego, compreendeu-se que a criança tende a desenvolver maior segurança emocional quando percebe seus pais como figuras disponíveis, sensíveis e responsivas às suas necessidades. Essa segurança favorece a exploração do ambiente, a construção da autonomia, a confiança nas relações e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais importantes para a vida em sociedade.

Cabe destacar, como limitação do estudo, tratar-se de uma pesquisa bibliográfica construída a partir de artigos e obras selecionados, portanto, reconhece-se que as práticas parentais são atravessadas por questões culturais, sociais e econômicas, o que exige cuidado na generalização dos achados. Cada família vivencia a parentalidade a partir de sua história, recursos e contexto, sendo necessário considerar essas diferenças na compreensão das relações familiares.

Diante disso, recomendam-se futuras pesquisas que aprofundem a investigação da vivência das práticas parentais no cotidiano de pais e mães, bem como pesquisas que abordem aspectos negativos presentes nas relações familiares. Embora esta pesquisa tenha priorizado as práticas parentais positivas, compreende-se que investigar também as dificuldades e os riscos presentes nas relações familiares pode ampliar a compreensão dos fatores que dificultam a construção do apego seguro.

Por fim, destaca-se a relevância da psicologia na construção de conhecimentos voltados à infância. Ao investigar as relações entre práticas parentais, teoria do apego e desenvolvimento socioemocional, a psicologia contribui para ampliar o entendimento sobre os primeiros vínculos afetivos e para promover reflexões sobre formas de cuidado mais conscientes no ambiente familiar.

REFERÊNCIAS

ADORIAN, R. T. L. *et al.* **Teoria do Apego: influência no desenvolvimento infantil e seus reflexos na vida adulta.** Revista Cathedral, v. 6, n. 2, 2024. Disponível em: <https://cathedral-ojs.galoa.net.br/index.php/cathedral/article/view/777/227>. Acesso em: 30 out. 2025.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da Teoria do Apego**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2024.

CARIRI, Andreska Moésia; ABREU, Hilana Maria Braga Fernandes; TRAVASSOS, Leilane Menezes Maciel; SUASSUNA, Maria Aparecida Ferreira Menezes. **O impacto da parentalidade no comportamento e bem-estar infantil: uma revisão bibliográfica**. Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras, v. 12, n. Único, p. 1302-1322, 2025. DOI 10.35621/23587490.v12.n1.p1302-1322. Disponível em: https://interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_33/Trabalho_30_2025.pdf. Acesso em: 21 fev. 2026.

CASTRO, Yanna Bandeira; ALVES, Silvana Ferreira de Sousa. **A importância da psicologia para o desenvolvimento da saúde mental das crianças no âmbito familiar: uma revisão sistemática**. Revista Foco, v. 18, n. 4, p.1-23, 2025. DOI 10.54751/revistafoco.v18n4-146. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8261>. Acesso em: 21 fev. 2026.

DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v57n1/v57n1a03>. Acesso em: 23 out. 2025.

GERHARDT, Sue. **Por que o amor é importante: como o afeto molda o cérebro do bebê**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORIN, Michelle Christof *et al.* **O estatuto contemporâneo da parentalidade**. Revista Spagesp, Ribeirão Preto, v.16, n.2, p.3-15, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 maio 2026.

GUEGUEN, Catherine. **Por uma infância feliz: uma nova educação de acordo com as descobertas recentes sobre o cérebro humano**. 1. ed. São Paulo: nVersos Editora, 2024.

GUISSO, Luciane; BOLZE, Simone Dill Azeredo; VIEIRA, Mauro Luis. **Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura**. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 12, n. 1, p. 226-255, jan./abr. 2019. DOI 10.4013/ctc.2019.121.10. Disponível em: <https://revistas.unisinis.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2019.121.10>. Acesso em: 21 fev. 2026.

JARCZESKI, Lediane; SILVA, Diego da. **Para além do cuidado: o papel da psicanálise na compreensão do desenvolvimento infantil e sua relevância para a prática parental.**

Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 10, p. 2703-2726, 2025. DOI 10.51891/rease.v11i10.21545. Disponível em:

<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/21545?utm>. Acesso em: 28 fev. 2026.

KUSIAK, Glenda dos Santos; MELLO, Luana Thereza Nesi de; ANDRETTA, Ilana.

Empatia e práticas parentais: a importância dos pais se colocarem no lugar dos filhos.

Aletheia, Canoas, v. 52, n. 2, p. 1-13, jul./dez. 2019. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942019000200002.

Acesso em: 21 fev. 2026.

LIMA, Kelly Ketlen dos Santos; MUNER, Luana Comito; BERGMANN, Danielle dos

Santos. **Desenvolvimento psicológico infantil: um estudo sobre a importância e as**

contribuições da família. Revista Cathedral, Boa Vista, v. 4, n.3, p. 35-45, 2022. Disponível

em: <https://cathedral-ojs.galoa.net.br/index.php/cathedral/article/view/517/159>. Acesso em:

05 maio 2026.

MARIN, Angela Helena *et al.* **Competência socioemocional: conceitos e instrumentos**

associados. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 92-103,

dez. 2017. DOI 10.5935/1808-5687.20170014. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872017000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 set. 2025.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano.** 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

PAULA, Fernanda de Souza; KUMMER, Lídia Maria Matos; ANDRADE, Cícero Isaac

Pereira de. **O abandono afetivo materno na primeira infância sob a luz dos estudos de**

John Bowlby. Revista NIP: Núcleo de Investigação Pesquisa, Luziânia, v. 9, n. 1, p. 1-13,

jan./jun. 2024. Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/6218/3820>.

Acesso em: 05 maio 2026.

PIRES, Michelle França Dourado Neto *et al.* **A influência das práticas parentais no**

desenvolvimento da criança: uma revisão de literatura. Revista AMAzônica, Manaus, v.

22, n. 2, p. 282-309, jul./dez. 2018. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6804342>. Acesso em: 21 fev. 2026.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; SCHNEIDER, Michele Scheffel. **Revisitando alguns**

conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? Psicologia: Teoria e

Pesquisa, Brasília, v. 26, n. 1, p. 25-33, 2010. DOI 10.1590/S0102-37722010000100004.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/bJfD5DCX8sNR96BMxb7dBVJ/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 18 set. 2025.

RIBAS, Maria Alice Coelho; SOUZA, Carmen Rosane Segatto e. **Impacto do cuidado para o desenvolvimento saudável da criança na primeira infância.** Educação em Análise, Londrina, v. 5, n. 1, p. 121-142, jan./jun. 2020. DOI 10.5433/1984-7939.2020v5n1p121. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/40432/28398>. Acesso em: 19 out. 2025.

SCHMIDT, Beatriz; STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. **Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa.** Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 2-18, jan./jun. 2016. DOI 10.4013/ctc.2016.91.01. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100002. Acesso em: 21 fev. 2026.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** Cadernos da Fucamp, Vitória, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 20 jun. 2025.

UNICEF. **O cuidado integral e a parentalidade positiva na primeira infância.** Brasília: UNICEF Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/23611/file/o-cuidado-integral-e-a-parentalidade-positivana-primeira-infancia.pdf>. Acesso em: 10 maio 2026.